

ARQUEOLOGIA DA ANTIGUIDADE NA PENÍNSULA IBÉRICA



ADECAP
Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular

Porto
ADECAP
2000

Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular · Vol. VI

**3.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

UTAD, VILA REAL, PORTUGAL,
SETEMBRO DE 1999

uma organização ADECAP - UTAD

ACTAS

Coordenação Editorial Geral

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

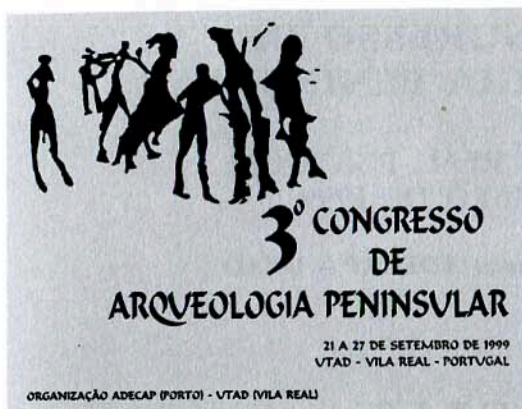
Vol. 6

**ARQUEOLOGIA DA ANTIGUIDADE
NA PENÍNSULA IBÉRICA**

Coordenação de

**THEODOR HAUSCHILD • M. JUSTINO MACIEL
VASCO MANTAS • TRINIDAD NOGALES
ALMUDENA OREJAS**

Porto
ADECAP
2000



Este Congresso foi realizado sob os auspícios de:

EAA – European Association of Archaeologists
 EAN-REA – European Archaeology Network - Rede Europeia de Arqueologia
 ICOM – International Council of Museums
 ICOMOS – International Council of Monuments and Sites
 IFRAO – International Federation of Rock Art Organizations

3.º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR Actas – Vol. 6

publicação da
 Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP)
 Rua Aníbal Cunha, 39 - 3.º - s. 7 - 4050-048 PORTO - Portugal.
 Faxes: (+351) 22 202 69 03 / 22 208 71 49 - E-mail: vojsoj@mail.telepac.pt

Composição, Impressão e Acabamento
 A.C. Litografia
 Rua Conselheiro Lobato, 179 - 4700-338 BRAGA - Portugal.
 Telef. (+351) 253 27 29 67 / 253 61 65 40 - Fax (+351) 253 61 20 08
 E-mail: aclitografia@mail.telepac.pt

Distribuição:
 Portico Librerias
 P.O. Box 503
 50080 Zaragoza - España
 E-mail: portico@zaragoza.net

Outubro de 2001.

Tiragem: 1.000 exs.

Depósito legal n.º 148567/00

ISBN: 972-97613-9-6

Apoios: **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III.

Delegação Regional do Norte do Ministério da Cultura; Fundação Calouste Gulbenkian.

SUMÁRIO

SESSÃO 20

Espaço, Território e Paisagem na Hispânia Romana	
Coordenadores: <i>Almudena Orejas & Vasco Mantas</i>	7
<i>Introducción</i>	9
<i>El territorio del oppidum de Ullastret (Girona) frente a la romanización,</i> por Rosa Plana Mallart, Aurora Martín Ortega	11
<i>Organización territorial y dinámica del paisaje en zonas litorales del nordeste de Hispania,</i> por Josep Maria Palet Martínez & Santiago Riera Mora	33
<i>Territorios marginales y romanización: las transformaciones del paisaje ceretano en Época Antigua,</i> por Oriol Mercadal Fernández & Oriol Olesti Vila	51
<i>Territorio y patrimonio en el Alto Guadalquivir. El paisaje de Sierra Morena,</i> por Luis María Gutiérrez Soler	71
<i>Sistemas de información geográfica aplicados al territorio de Écija. Algunos ejemplos,</i> por S. García-Dils de la Vega, J. Márquez Pérez & S. Ordóñez Agulla	85
<i>Organización y explotación del territorio en el Noreste de Lusitania: Las Cavenes de El Cabaco,</i> por M. Ruiz del Árbol & F.-J. Sánchez-Palencia	115
<i>Os vici da Civitas de Collippo,</i> por João Pedro Bernardes	131
<i>Parcelamento rural de Bracara Augusta: questões metodológicas,</i> por Helena Paula A. Carvalho	143
<i>Conclusiones</i>	147

SESSÃO 27

Arqueologia Romana	
Coordenador: <i>Trinidad Nogales Basarrate</i>	149
<i>Introdução</i>	151
<i>Deorum Temene. Espacio sagrado y santuarios rupestres en la Gallaecia romana.</i> <i>Un intento de clasificación,</i> por Antonio Rodríguez Colmenero	153
<i>La romanización en la comarca de La Vall d'Albaida (València),</i> por Agustí Ribera & Joaquim Bolufer	197
<i>Procesos de helenización en el mundo funerario romano republicano,</i> por Alicia Jiménez Díez	215
<i>La monumentalización de las ciudades de la Meseta,</i> por M.ª Angeles Gutiérrez Behemerid	233
<i>Vías de comunicación entre Hispania y el Norte de Africa en época romana,</i> por Enrique Gozalbes Cravioto	253
<i>Significado de los casos gramaticales en los itinerarios romanos,</i> por Gonzalo Arias	267
<i>Evidencias materiales en el campamento romano de Cidadela (Sobrado dos Monxes, A Coruña),</i> por J. M. Caamaño, Gesto, I. Castro Paredes, M.ª J. Ínsua Liñares, M.ª C. López Pérez, M.ª A. Vázquez Martínez & C. Fernández Rodríguez	281

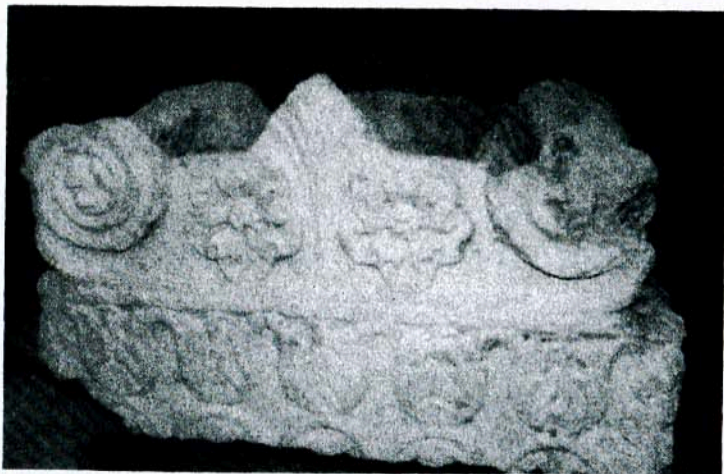
<i>El puente romano de Colloto (Asturias). Intervención arqueológica y lectura de paramentos</i> , por Alfonso Menéndez Granda	293
<i>Los capiteles toscanos de la porticus post scaenam del teatro romano de Itálica (Santiponce, Sevilla)</i> , por Oliva Rodríguez-Gutiérrez	307
<i>Mulsum betico. Nuevo contenido de las ánforas Haltern 70</i> , por Miguel Beltrán Lloris	323
<i>Los materiales de hueso trabajado de la villa romana de "El Saucedo" (Talavera la Nueva, Toledo)</i> , por M. Aguado Molina, O. Jiménez Cañizos, A. López Pérez, I. Panizo Arias & C. Taléns Alfonso	345
<i>Los vidrios romanos de la villa de El Saucedo (Talavera La Nueva, Toledo)</i> , por Ana Torrecilla Aznar	361
<i>Hallazgos numismáticos de los comienzos de Bracara Augusta</i> , por María del Mar Zabaleta Estévez	395
<i>Instalações mineiras romanas no Fojo das Pombas (Valongo – Portugal)</i> , por José Marcelo S. Mendes-Pinto	401
<i>A romanização do aro de Freixo de Numão</i> , por António Sá Coixão	421
<i>Povoamento rural romano do actual concelho de Arronches (Portalegre, Alto Alentejo, Portugal): a amostra disponível</i> , por Isabel Pinto	441
<i>Escavação arqueológica de emergência no assentamento romano da Fonte do Sapo (Mouriscas, Abrantes)</i> , por João Pedro Bernardes & Luís Filipe Coutinho Gomes	453
<i>Villa das Almoinhas (Loures, Portugal). Destaque para um conjunto de estruturas desta estação</i> , por Ana Cristina Oliveira	469
<i>A estação arqueológica de Frielas</i> , por Ana Raquel Mendes da Silva	479
<i>A villa romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): 8 anos de trabalhos arqueológicos</i> , por António Carvalho & Maria José Almeida	495
<i>Villa romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): a cerâmica da lixeira baixo-imperial</i> , por Maria José de Almeida & António Carvalho	499
<i>Conclusões</i>	507

SESSÃO 28

Antiguidade Tardia na Península Ibérica

Coordenadores: Theodor Hauschild & M. Justino Maciel	509
Introdução	511
<i>Primera necrópolis tardía en el territorio de los Astures Transmontani: el yacimiento de Paredes, Siero (Principado de Asturias, España)</i> , por Otilia Requejo Pagés	513
<i>Santa María de Mijangos: de la arquitectura paleocristiana a la altomedieval, transformaciones arquitectónicas y litúrgicas</i> , por José Ángel Lecanda	535
<i>Evolución de las formas y funciones de la arquitectura militar romana en el Norte de Hispania: el caso de Tedeja</i> , por Ramón Bohigas, José Ángel Lecanda & Ignacio Ruiz Vélez	565
<i>Arquitectura Sacra de la Carthaginiensis Oriental durante la Antigüedad Tardia: las aportaciones de la Alcudia (Elche) y el Monastil (Elda)</i> , por Antonio M. Poveda Navarro	579
<i>Villa Sacra: the transformation of domestic space in some Late Roman villas of Hispania</i> , by Kim Bowes	597
<i>Capitéis de ara do Municipium olisiponense de tipologia acantizante</i> , por Carlos Jorge Canto Vieira	611
<i>Vestígios paleocristãos de Ervamoira – Vale do Côa</i> , por Gonçalves Guimarães	627
<i>A Necrópole Visigótica da Fonte Sapo</i> , por Álvaro Batista & Filomena Gaspar	643

<i>Decoração arquitectónica litúrgica da Antiguidade Tardia nos grupos pacense e eborensis</i> , por Licínia Nunes Correia Wrench	645
<i>Do romano ao islâmico: as escavações de 1997 na "Villa" do Montinho das Laranjeiras (Algarve)</i> , por M. Justino Maciel	657
<i>O Baptistério e o Conjunto Musivo de Mértola. Balanço das escavações recentes</i> , por Virgílio Lopes	669
<i>Reflexão sobre os vestígios paleo-cristãos no espaço urbano (Tomar)</i> , por Salete da Ponte	683
<i>Alto Paiva – Estratégias de povoamento da época romana à alto-medieval. Um projecto</i> , por Marina Afonso Vieira	697
<i>Sul culto di Mercurio nella Penisola Iberica</i> , por Giulia Baratta	701
<i>Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal – Contributo para o estudo dos baixo-relevos e outros elementos de escultura arquitectónica</i> , por Miguel Pessoa & Sandra Steinert Santos	709
<i>Sobre la cristianización de la topografía de la Córdoba Tardeantigua: el caso del Palacio de Cercadilla</i> , por Rafael Hidalgo	741
<i>Conclusões</i>	755



Capitel de ara. Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (40x73x72 cm).

Bibliografia: Rosa CAPEANS, *Op. cit.*, 1943, p. 301, fig. 9; Joaquim FONTES e D. Fernando de ALMEIDA, *Op. cit.*, 1979, pp. 20-21, 28, 42; Gustav GAMER, *Op. cit.*, 1989, p. 230, fig. 143-c; Carlos VIEIRA, *Op. cit.*, Lisboa, vol. 2, 1998, pp. 294-300.

VESTÍGIOS PALEOCRISTÃOS DE ERVAMOIRA. VALE DO CÔA

por

Gonçaves Guimarães*

Resumo: Na estação arqueológica de Ervamoira, no Vale do Côa, entre várias estruturas e vestígios que vão do século III ao século XIII, foi descoberta uma construção reduzida aos seus alicerces que interpretamos como sendo uma *basílica rústica*, bem assim como outros elementos inequivocamente paleocristãos, que atribuímos ao século V.

Nesta comunicação abordamos detalhadamente estas estruturas e vestígios, procurando enquadrá-los no fenómeno da cristianização do Douro Superior.

Palavras-chave: Côa; Ervamoira; período paleocristão.

INTRODUÇÃO

Desde 1985 que estamos a realizar escavações numa estação arqueológica que descobrimos na Quinta da Ervamoira, freguesia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa, situada na margem esquerda do rio Côa, junto aos caminhos que, ainda hoje, vindos da estrada que de Longroiva leva ao Pocinho, partem no sentido nascente para atravessar aquele rio, seguindo para a antiga *Callabria*¹.

A estação situa-se precisamente no ponto mais estratégico para controlar a passagem a vau do Côa, quer para quem seguia para oriente, quer para quem vinha no sentido inverso. Os trabalhos já realizados puseram a descoberto várias estruturas tardo romanas e medievais, balizadas entre os séculos III e XIII, que nos

* Arqueólogo. Docente da Universidade Portucalense Infante D. Henrique (Porto) e director científico do Museu de Sítio de Ervamoira (Vila Nova de Foz Côa). Apartado 263; 4431-997 Vila Nova de Gaia, Portugal; Telef. e fax (+351) 227 625 622.

¹ Esta estação foi por nós descoberta em 1985 com a colaboração da Dr.^a Maria da Graça Peixoto que tem igualmente aí dirigido algumas campanhas de escavação. Desde 1986 o seu estudo foi integrado num projecto intitulado "O Povoamento medieval na margem sul do Rio Douro"; Cf. GUIMARÃES, Gonçaves (1995) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média-arqueologia de uma área ribeirinha*; Porto, Universidade Portucalense, pp. 7-16.

Desde 1998 que este projecto foi reformulado passando a denominar-se "Arqueologia histórica do vale do Côa: 1-Ervamoira", tendo a continuação dos trabalhos sido integrada no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA).

levaram a concluir tratar-se de uma estação de muda (*mutatio*) com ocupação intermitente.

Entre os vários edifícios já escavados e do numeroso espólio exumado que hoje se guarda e mostra no Museu de Sítio que ali criamos² destacam-se, pela sua raridade, alguns vestígios paleocristãos que atribuímos ao século V e que são, até ao presente, os mais antigos vestígios de cristianização do Vale do Côa e dos mais antigos da região do Douro Superior.

Antes de os analisarmos vejamos o contexto devocional que os precedeu.

CULTOS PRÉ-CRISTÃOS NO TERRITÓRIO DOS ARAVI

Na área *grosso modo* definida em torno de Marialva (Meda) e que poderia estender-se a Norte até ao Douro, a Sul até à Coriscada e Serra da Marofa, a Nascente até ao rio Águeda e a Poente até ao vale da ribeira da Teja, parece ter existido desde finais do séc. I o *oppidum* dos Aravi, tendo como vizinhos a Norte os *Banienses*, a Nascente os *Vettones*, a Sul os *Lancienses Transcudani* e a Poente os *Meidubrigenses*³.

Este território foi muito habitado no período romano, sendo provável a existência de uma *civitas*, de numerosos *vici*, rodeados por *villae rusticae* e simples casais, para além de assentamentos de exploração mineira e pedreiras, ou de outras actividades artesanais e de apoio à rede viária, alguns já estudados, a maior parte simplesmente referenciados⁴.

As inscrições encontradas lançam algumas luzes sobre que tipo de crenças tinha este povo quando ao território chega o cristianismo.

Antes de mais o culto jupiteriano com quatro epígrafes:

1. A ara votiva que serviu de pia de água benta e que se guarda na sacristia da igreja matriz de Vila Nova de Foz Côa⁵;

² Sobre a criação do Museu veja-se GUIMARÃES, Gonçalves (1996) – Um Museu de Sítio para a Quinta da Ervamoira (Vale do Côa): projecto e programa, in *Espaço e Memória, revista de Património*, n.º 1; Porto, Universidade Portucalense, pp. 147-185.

O Museu, instalado na antiga casa da quinta e cujo projecto de reconversão é do arquitecto Arnaldo Pimentel Barbosa e colaboradores, foi inaugurado a 1 de Novembro de 1997 pelo Ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho.

O desenvolvimento do projecto de investigação em curso está descrito em GUIMARÃES, Gonçalves (1999) – Das escavações arqueológicas ao Museu de Sítio de Ervamoira, in *Côa-Visão – Cultura e Ciência*, n.º 1, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 53-58.

³ Ver CURADO, Fernando Patrício (1994) – A propósito de Conimbriga e de Coniumbriga, in *Gaya*, vol. VI (1988-1994); Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, pp. 213 e seguintes e ainda MANGAS MANJARRÉS, Júlio (1985) – Organización económica y social del Valle del Duero en época romana, in *Historia de Castilla y Leon – 2 – Romanización y germanización de la meseta norte*, 2.ª edição; Valladolid, Ambito, ediciones SA, p. 46 e seguintes.

⁴ Um levantamento muito completo da região encontra-se em COIXÃO, António do Nascimento Sá (1996) – *Carta arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*; Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, p. 89 e seguintes; e ainda COIXÃO & TRABULO, António Alberto Rodrigues (1998) – Romanização na área do actual concelho de Foz Côa, in *Côa-Visão-Cultura e Ciência*, n.º 0, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, p. 49 e seguintes.

⁵ Ver GARCIA, José Manuel (1994) – Religiões Antigas na Bacia do Douro Português, in *Gaya*, vol. VI (1988-1994); Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, p. 115;

2. Possivelmente uma ara votiva de Prazo, Freixo de Numão⁶;
3. Uma epígrafe da Coriscada, Meda;
4. Uma epígrafe de Marialva, Meda⁷.

Em seguida o culto a divindades romanas ou romanizadas também com quatro inscrições, sendo apenas uma certa, outra possível e duas desaparecidas:

1. Uma ara votiva que serviu de pia de água benta na igreja matriz de Numão, datada do século I d. C. e dedicada aos deuses e deusas de *Coniumbriga*⁸;
2. Uma inscrição rupestre do sítio do Conde em Numão, possivelmente dedicada a Hércules⁹;
3. Uma desaparecida ara votiva de Freixo de Numão dedicada aos *Lares Turolenses*¹⁰;
4. Uma desaparecida epígrafe de Freixo de Numão dedicada a Juno¹¹.

Segue-se o culto às divindades indígenas:

1. Uma inscrição de Longroiva (Meda) dedicada a *Bandi Longobricui*¹²;
2. Uma ara no alto da Serra da Marofa (Figueira de Castelo Rodrigo) dedicada a *Coruae*¹³.

Por ultimo o culto imperial com uma única ara aparecida em Marialva (Meda), datada do ano 110 e dedicada a Adriano¹⁴.

São estes os cultos religiosos conhecidos na região considerada, concerteza aqui muito mal esboçados a partir da epigrafia dos séculos I a IV d. C.. Destaca-se a crença no ente supremo, mas de igual modo nas divindades trazidas pelo povoador romano. Os velhos deuses locais estavam a ser esquecidos e os cultos *políticos*, como o do imperador, teriam uma aceitação muito relativa¹⁵. É neste contexto devocional que aparece aqui o cristianismo, possivelmente ainda no século III¹⁶.

COIXÃO, António do Nascimento Sá; ENCARNAÇÃO, José d' (1998) – Foz Côa Romana – Notas epigráficas, in *Coavisão-Cultura e Ciência*, n.º 0, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, p. 80.

⁶ Ver COIXÃO & ENCARNAÇÃO 1998: 80 (*op. cit.* Nota anterior).

⁷ Para estas duas ultimas epígrafes ver GARCIA 1994: 114, n.ºs 306 e 307 (*op. cit.* Nota 5).

⁸ Ver GARCIA 1994: 111/112; CURADO 1994: 213 e 219 (*op. cit.* Nota 3); COIXÃO & ENCARNAÇÃO 1998:79.

⁹ Ver COIXÃO & ENCARNAÇÃO 1998:82.

¹⁰ Ver GARCIA 1994: 111.

¹¹ Ver GARCIA 1994: 121.

¹² Ver GARCIA 1994: 109.

¹³ Ver GARCIA 1994: 110.

¹⁴ Ver GARCIA 1994: 119; CURADO 1994: 216.

¹⁵ Entretanto apareceram nesta região mais algumas inscrições, cuja publicação se aguarda, as quais poderão ampliar substancialmente este panorama devocional pré-cristão.

Em Ervamoira apareceu em 1996 parte de uma inscrição muito apagada, onde na 1.ª linha parece ler-se TAN/... e que ora se guarda no Museu. Poderá referir-se a um *Tanginus*, nome indígena, que também aparece numa ara dedicada a Júpiter em Ade (Almeida; cf. GARCIA 1994: 114). Mas não sabemos se trata de uma epígrafe votiva.

¹⁶ Ver MACIEL, M. Justino (1996) – *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*; Lisboa, pp. 32/33.

A IMPLANTAÇÃO DO CRISTIANISMO NO DOURO GALAICO-LUSITANO

As mais antigas notícias sobre a existência de cristãos numa área próxima da bacia do Douro referem-se à região de Astorga-Leon, bem para norte deste vale. Durante a perseguição de Décio, em meados do século III, o bispo Marcial renega a sua fé, mas no início do século IV esta comunidade faz-se representar no Concílio de Elvira¹⁷.

A implantação do cristianismo nesta região tão setentrional poderá ser uma consequência da renovação da *Legio VII Gemina*, de cujo acampamento viria a resultar a cidade de Leon. Para além dos seus legionários terem difundido o culto de Isis em *Clunia*, Valladolid e Soto del Burgo (Soria) e o de Isis e Serapis em Valladolid e Quintanilha de Somoza, também em Leon, e ainda o de Cibele em Monte Cildá, desta região são também originários os mártires S. Marcelo, morto em Roma em 309 nas perseguições de Maxêncio e provavelmente natural de Tanager, e talvez os mártires Emérito e Celedonio, de Calahorra¹⁸.

Na área do vale do Douro galaico-lusitano, situada a ocidente dos afluentes Esla e Tormes, o cristianismo talvez se tenha propagado a partir de *Bracara Augusta*, referindo-se as lendas do século XI a um dos três S. Vítor conhecidos, que teria sido por aqui martirizado nas perseguições de Diocleciano do início do século IV. Na segunda metade deste século o movimento priscilianista alastra a toda a Península, sobretudo depois de 387, quando Prisciliano e os seus seguidores Felicíssimo e Arménio, depois de decapitados em Tréveres, são honrosamente sepultados na Galiza, passando a ser invocados como mártires¹⁹. Também em Astorga-Leon o priscilianismo se faz sentir, a ele tendo aderido o seu bispo Simpósio, presente no Concílio de Saragoça em 380 e no 1.º Concílio de Toledo em 400, onde lhe foi pedido que renegasse aqueles princípios heréticos, bem assim como seu filho e sucessor Dictínio. Neste concílio está igualmente presente Paterno, o mais antigo bispo bracarense documentado, renegando igualmente ali a corrente religiosa que precisamente durante o meio-século que findava tanto ajudara a difundir o cristianismo nos meios rurais, sobretudo entre os hispano-romanos da classe média, proprietários e comerciantes ricos. Em 530, em Palência, ainda se venera a memória de Prisciliano²⁰.

Particularmente importantes para a implantação do cristianismo no vale do Douro galaico-lusitano são os seguintes factos: por volta de 427/428 ter-se-á ordenado Idácio, bispo de *Aquae Flaviae* (Chaves); em 550 Martinho chega a *Portum Galliciae* e em 560 é feito bispo de Dume; em 561 realiza-se o 1.º Concílio de Braga, no qual Astorga parece ter estado presente; em 572 realiza-se o 2.º Concílio

¹⁷ Ver MANGAS MANJARRÉS (1985) – Cultura y religion romanas, in *op. cit.* Nota 3, p. 94 e BARROCA, Mário Jorge (1987) – Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV), 1.º volume; Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado), p. 49.

¹⁸ *Idem.* A síntese mais recente sobre esta matéria pode ser encontrada em MACIEL 1996 (*op. cit.* Nota 16), p. 32.

¹⁹ Ver OLIVEIRA, Miguel de (1994) – *História Eclesiástica de Portugal*, ed. revista e actualizada; Lisboa, Publicações Europa – América, L.ª, p. 27.

²⁰ Cf. *op. cit.* Nota anterior e MACIEL 1996: 46/49.

desta cidade onde estão presentes os bispos Sardinário de Lamego e Viator de *Magnetum* (Meinedo), para além de Polímio de Astorga, o que demonstra o avanço da organização eclesiástica no vale do Douro²¹.

Talvez já no início do século VII tenha sido erecta a diocese *caliabrensis* com sede em *Caliabria* (Almendra- Vila Nova de Foz Côa), que tinha sido até então uma paróquia da diocese de Viseu, esta última fundada ainda no século VI²². O bispado flaviense parece ter tido efémera duração, como aliás acontecera com o de *Magnetum* (Meinedo) perto de *Portucale*²³.

Temos então que no final do século VI e princípios do século VII todo o vale do Douro galaico-lusitano estava coberto pela administração diocesana da seguinte forma: na margem norte, dos confins do mar até ao rio Pinhão estendia-se a diocese portugalense; seguia-se a diocese bracarense, que em *Pannonias* tocava o Douro até para lá do rio Tua, onde se encontrava com a parte norte da diocese caliabrense e a diocese asturiense, que abrangia o actualmente chamado Douro internacional; na margem sul também de Poente para Nascente, temos a diocese conimbricense até ao rio Arda, a que se seguia a diocese lamecense até ao rio Távora; entre este rio e a ribeira da Teja, chegava ao Douro a diocese viseense, seguindo-se a diocese caliabrense até ao rio Águeda, sendo a única que, nesta época, se estendia por ambas as margens do Douro.

Embora subsistam no território alguns *pagi*, sobretudo na região do Marão, em Alijó e na zona oriental de Trás-os-Montes, nos finais do século VI todo o vale do Douro está cristianizado desde a foz até ao eixo Lamego/Panoias. Daí para cima, apenas *Caliabria* deve ter sido um dos centros difusores do cristianismo, mas outros terão igualmente existido em data anterior.

O cristianismo no vale do Douro aparece assim consolidado ao longo do século VII, pois os bispos destas dioceses vão estar presentes em vários concílios de Toledo, Mérida e Braga²⁴. Porém em 711 dá-se a invasão da Península pelos mouros e o cristianismo, que se tinha tornado a religião oficial com a correspondente proibição de outros cultos *pagãos* em 391; e o catolicismo, tornado oficial em 589, passam, na maior parte deste território, à situação de religião segunda, tolerada ou mesmo proscrita, conforme as circunstâncias e as épocas que se seguem, com a excepção do pequeno reino das Astúrias lá mais para Norte. No restante território peninsular, ao lado do islamismo e do judaísmo, o cristianismo continuará a ser praticado pelos moçárabes. Porém muitas populações, até aí cristãs ou pagãs, irão converter-se aos ensinamentos do Corão.

²¹ Sobre a sequência dos factos mais importantes desta época ver MACIEL 1996: 271 e seguintes.

²² Ver *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, edição crítica pelo P.ª Avelino de Jesus da Costa; Braga, Assembleia Distrital, Tomo I, 1965, p. 19; COSTA, Manuel Gonçalves da (1997) – *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I; Lamego, p. 57 e seguintes; FERNANDES, A de Almeida (1997) – *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*; Arouca, Associação para a defesa da cultura arouquense, p. 127 e seguintes; COSME, Susana (1998) – Projecto de investigação arqueológica do território do Monte do Castelo (Almendra) in *Terras do Côa – da Malcata ao Reboredo*, coordenação de Alexandra Cerveira Pinto S. Lima; Maia, Estrela-Côa, p. 209 e seguintes.

²³ Ver OLIVEIRA 1994: 49.

²⁴ Ver OLIVEIRA 1994: 42 e seguintes.

VESTÍGIOS PALEOCRISTÃOS NO TERRITÓRIO DOS ARAVI

Feita a necessária introdução sobre os cultos existentes na região aquando da chegada do cristianismo e feito o também necessário enquadramento regional da sua expansão, vejamos agora quais os vestígios paleocristãos²⁵ conhecidos no território dos *Aravi*. Concluimos já que, até à data, são muito raros. Não obstante haver um significativo avanço da arqueologia local, eles escasseiam, sendo no entanto mais do que provável o seu aparecimento nas escavações em curso ou já programadas.

Na realidade o único vestígio paleocristão inequívoco aparecido na região, para além daqueles que a seguir vamos referir, é um *chrismon* ipsilónico gravado no lado exterior de um fundo de “cerâmica cinzenta tardo romana” aparecido nas escavações das ruínas do Prazo (Freixo de Numão) dirigidas por António do Nascimento Sá Coixão²⁶ e onde também apareceu um edifício religioso que parece ter evoluído de uma pequena basílica rústica até uma possível igreja de um mosteiro frutuosiário, que terá aproveitado estruturas de uma *villa* romana subjacente²⁷.

Não conhecemos pois, até à data, mais nenhum outro vestígio paleocristão neste território onde o cristianismo parece ter-se implantado nos finais do século IV.

VESTÍGIOS PALEOCRISTÃOS NO VALE DO CÔA

Durante a campanha de escavações de 1993 na estação arqueológica de Ervamoira apareceu uma nova estrutura composta pelo que restava dos alicerces de um edifício de planta rectangular orientado no seu eixo maior no sentido NO/SE. A continuação das escavações em 1994 e 1995 veio a revelar que media cerca de 13x8 m, ocupando uma área aproximada de 104 m². Mas enquanto que no seu canto Oeste os muros existentes, encostados em valas talhadas no afloramento de xisto, apresentam ainda 1,5 metros de altura, no canto Leste, as pedras dos alicerces e das paredes desapareceram arrancadas pelo arado que em tempos lavrou o local. No entanto a configuração geral da sua planta é fácil de determinar, até pelos sulcos fundamentais talhados no xisto, ainda bem evidentes. Trata-se de um edifício com uma só *cella*, notando-se no entanto os vestígios de um septo perpendicular à parede SO, o qual deveria existir também no lado oposto, determinando assim uma área diferenciada que corresponde a cerca de 1/3 do total.

²⁵ Já em dois trabalhos anteriores procuramos definir o que se entende por Arqueologia Paleocristã: GUIMARÃES, Gonçalves [1996] – Arqueologia Paleocristã do Vale do Douro: novas referências arqueológicas; comunicação apresentada ao 2.º Congresso Internacional Sobre o Rio Douro (a publicar); GUIMARÃES, Gonçalves [1998] – Vestígios arqueológicos paleocristãos de Portucale Castrum Antiquum (Gaia); comunicação apresentada ao 1.º Congresso sobre a Diocese do Porto (a publicar). A definição de Arte Paleocristã pode ser encontrada em MACIEL 1999 (*op. cit.* Nota 16) p. 25.

²⁶ Ver o desenho desta peça na capa de *Côavisão-Cultura e Ciência*, n.º 1, 1999; Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal, publicação dirigida por aquele arqueólogo.

Uma descrição sumária do sítio do Prazo pode ser encontrada em COIXÃO 1996 (*op. cit.* Nota 4), p. 175 e seguintes.

²⁷ Esta é uma interpretação pessoal que fazemos das ruínas, a qual poderá ser confirmada ou infirmada pelos dados recolhidos na própria escavação e cuja publicação se aguarda.

Tornou-se imediatamente óbvio que este edifício se articulava axialmente com outro grande edifício romano, do século III, que deverá corresponder ao corpo principal da estação de muda e também com a *taberna* que lhe toca através da parede de topo Sudeste, não sendo agora perceptível como se articulavam ambos os edifícios ou mesmo se comunicavam entre si. Sabemos apenas que o edifício em questão é mais largo do que a *taberna* e o seu *opus incertum* é um pouco diferente dos edifícios anteriormente referidos, não tendo a mesma solidez, o que nos levou de imediato a datá-lo de uma época posterior. E também pelo facto de no entulhamento exterior do seu alicerce, junto ao canto Oeste, apareceram muitos fragmentos de *sigillata*, a qual se pode relacionar com os edifícios atrás referidos. Outros elementos que nos apontavam para uma datação mais recente eram as *tegulae* e *imbrices* que pertenceram ao seu telhado e que jaziam, em grande parte, no seu interior. Ao contrário das *tegulae* “clássicas” bem moldadas, bem compactadas e bem cozidas dos edifícios anteriores, estávamos agora perante exemplares mais irregulares, feitos com moldes muito frouxos, alisados à mão, mal cozidos, com rebordos grosseiros e quase todos decorados com sulcos feitos pelos dedos do oleiro, que assim desenhou meandros paralelos, ziguezagues, romboides duplos com ponto central, etc. Os próprios *imbrices* eram decorados do mesmo modo²⁸. No interior do edifício não havia qualquer outra cerâmica, nem de cozinha, nem de mesa, nem de armazém. (Quase) nada mais, para além dos fragmentos do seu telhado: por todo o interior e onde o arado não penetrou encontrava-se o nível de derrube das *tegulae* e *imbrices* fragmentados e alguns pregos do telhado abatido, uma pequena calote semi-esférica de vidro esverdeado e dois fragmentos de mandíbula humana a que adiante nos referiremos. O edifício deve ter tido algum tempo de existência, pois as *tegulae* não pareciam ser todas da mesma fornada, o que quer dizer que houve reparações no telhado e, por outro lado, junto ao canto exterior Norte existe um orifício cavado no xisto que pode querer significar que o edifício foi escorado com uma trave de madeira pelo lado de fora, o que não se justifica numa construção nova.

Qual seria pois a função deste amplo edifício? A resposta encontrámo-la numa das *tegulae* encontradas junto da sua parede Sudoeste, a qual tinha um *chrismon* cruzado, gravado pelo dedo do oleiro na pasta fresca no seu lado celestial, ocupando praticamente toda a área disponível. Este tipo de *chrismon* aparece

²⁸ Sobre *tegulae* e *imbrices*, suas datações e tipologias, estamos ainda longe de ter um quadro completo, quer para o período romano, quer para toda a época de utilização destes materiais, a qual deve ter chegado, em alguns casos, à Idade Média plena. Veja-se a este propósito a opinião de Manuel Luís REAL (1995) – Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade cristã no ocidente peninsular, in *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Institut d'Estudis Catalans/Universidade Nova de Lisboa; Barcelona, p. 24, Nota 14. Ver também GUIMARÃES, Gonçalves (1993) – Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do rio Douro: as *Tegulae*, in *Lucerna*, Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia (1987) 2.ª série, vol. III; Porto, Centro de Estudos Humanísticos, pp. 217-235; também PÉREZ LOSADA, Fermín (1992) – Contribución ó estudio da cerámica de construción na Galiza romana (I), *Galicia: da romanidade á xermanización – Problemas histórico e culturais*; Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973), Santiago de Compostela; e ainda DIAS, Lino Tavares (1997) – *Tongobriga*; Lisboa, IPPAR, pp. 130/131.

nas catacumbas de Roma a partir de finais do século IV²⁹, factor cronológico que adiante confrontaremos com outros dados aparecidos no exterior do edifício, mostrando-nos que a sua destruição deverá datar de meados do século V.

Esta foi a única *tegula* encontrada com este símbolo, podendo no entanto haver mais algumas, as quais, devido ao seu estado fragmentário, não foram detetadas na escavação. Para esta podemos sugerir duas interpretações: se fazia parte do telhado, não sendo assim o *chrismon* visto pelos fiéis, seria um caso de materialização do conceito de “tecto sagrado” dos templos, mais tarde descrito no canone II do 2.º Concílio de Braga (572), cuja reparação deveria ser objecto de especial cuidado por parte dos bispos³⁰. Se não se encontrava no telhado, poderia ter servido, com mais algumas outras, como tampa de uma sepultura ou mesmo de um sarcófago-ossário, assunto a que adiante voltaremos.

Parece que estamos assim perante uma pequena basílica paleocristã de planta rectangular com um septo (iconostásis) que separava a área destinada ao celebrante da restante destinada aos fiéis.

Nas obras especializadas encontramos-lhe paralelos, em termos de planta, à capela levantada nos finais do século IV para abrigar o sepulcro dos mártires Cassio e Florença, e seus companheiros, localizada em Bona, na Germania ocidental, a qual apresenta as medidas 13x10 m; ou mesmo na construção de menores dimensões, levantada em Xanten em volta das sepulturas de Malloso e Vítor, mártires da perseguição de Dioclesiano, a qual se transforma em capela no século IV³¹.

A planta rectangular vai perdurar na arquitectura cristã até bem tarde, se bem que também desde cedo as basílicas e igrejas recebam e assimilem outras soluções construtivas como as absides e a planta cruciforme. Nos séculos IX e X serão construídos alguns templos com planta rectangular simples, perpetuando uma tradição que remontará aos séculos IV e V, como se poderá crer por este exemplo de Ermamoira. Segundo Manuel Real “o rectângulo foi, na verdade, um elemento gerador de grande importância na arquitectura asturiana, mesmo em basílicas de planimetria mais complexa”³².

²⁹ Ver TESTINI, Pasquale (1980) – *Archeologia cristiana*, 2.ª edição; Basi, Edipaglia, p. 355.

Esta *tegula* com o *chrismon* foi por nós proposta como logotipo do Museu de Sítio de Ermamoira. Para a mesma não conhecemos ainda paralelos. Encontra-se reproduzida e descrita nos seguintes trabalhos: GUIMARÃES 1996, *op. cit.* Nota 2, pp. 184/185. GUIMARÃES, Gonçalves (1997) – *Museu de Ermamoira – Guia do Visitante*; V.N. de Gaia, Adriano Ramos Pinto (Vinhos) SA, p. 25; GUIMARÃES, Gonçalves [1998] – Cerâmica arqueológica do Museu de Ermamoira in *In Memoriam Carlos Alberto Ferreira de Almeida*, organização de Mário Jorge Barroca; Porto, Faculdade de Letras (a publicar) e ainda em GUIMARÃES, Gonçalves [1998] – Cerâmica romana e medieval de Ermamoira in *Actas das I.ª Jornadas do Património da Beira Interior*; Guarda (a publicar) e ainda em GUIMARÃES 1999 (*op. cit.* Nota 2), p. 57.

³⁰ Cf. MACIEL, M. Justino (1991) – *A Arquitectura paleocristã em contexto suévio – algumas reflexões*. Viana do Castelo, Câmara Municipal, p. 9.

³¹ Cf. TESTINI 1980 (*op. cit.* Nota 26), p. 279/280. Este Malloso não é seguramente o S. Malo do País de Gales que nasceu no século VI. A piedade medieval elevou às honras dos altares três S. Vítor: o de Braga; um outro chamado o *mouro*, natural da Mauritània e martirizado em Milão no século III e o de Marselha, martirizado no final desse século. Todos eles eram soldados romanos.

³² Ver REAL, Manuel (1985) – Pousada de Santa Marinha-Guimarães, *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 130; Lisboa, Ministério das Obras Públicas, Trans-

Não sabemos que aspecto arquitectónico teria esta basílica, para além da sua planta, o que nos levanta problemas com a sua futura consolidação e musealização. Não sabemos sequer onde se localizava a sua porta. Para além de pedras de xisto para as paredes é natural que tivesse também elementos arquitectónicos em aplito, tais como colunas e molduras reaproveitadas de construções anteriores entretanto já destruídas³³, algumas das quais, aparecidas fora de contexto e denunciando várias reutilizações, se guardam hoje no Museu de Ermamoira.

Trata-se pois de um daqueles edifícios que S. Martinho designará no século VI como *lota sancta* no seu *De Correctione Rusticorum*, com o espaço interior dividido liturgicamente entre o corpo basilical e o *sanctuaris altaris*, basílicas funerárias levantadas em memória de um mártir e possuindo naturalmente o seu corpo ou as suas relíquias³⁴.

Embora não tenha aqui aparecido qualquer lipsanoteca, encontramos no seu interior dois fragmentos de mandíbula humana que poderão ter tido aquela origem, um no extracto 02, isto é, debaixo do nível da *tegula* e outro no nível superficial, o que quer dizer que, pertencendo ambos ao mesmo indivíduo, foram estes ossos retirados do local onde jaziam antes da destruição do edifício.

Do seu estudo concluiu-se o seguinte: “... os fragmentos correspondem ao arco alveolar de uma mandíbula, com várias peças dentárias, que se conclui que pertenceu a um indivíduo adulto do sexo feminino, entre os 20 e os 50 anos de idade”³⁵,

portos e Comunicações, p. 14. Sobre a evolução da planta das basílicas ver ainda: SAINZ SAIZ, Javier (s/d) – *El Arte Prerrománico en Castilla y Leon*; Ediciones Lancia; PÁGÉS i PARETAS, Montserrat (1983) – *Les esglésies pre-romàniques a la comarca del baix Llobregat*; Barcelona, Institut d’Estudis Catalans; POSAC MON, Carlos; PUERTAS TRICAS, Rafael (1989) – *La basílica Paleocristiana de Vega del Mar (San Pedro de Alcántara, Marbella)*; Málaga, Diputación Provincial; GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1995) – *Arqueología y Liturgia. Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII)*; Barcelona, Publicaciones de la Universitat.

³³ Na *taberna* do século IV apareceram dois fragmentos de moldura de porta em aplito, embutidos em covas talhadas no xisto e que serviam de base aos prumos, concerteza de madeira, que suportavam o telhado, o que evidencia a existência de uma construção anterior (séc. III?) cujos elementos foram reaproveitados. O aplito, granito de grão fino extraía-se de pedreiras existentes no lugar do Salgueiro, Freixo de Numão (COIXÃO & TRABULO 1998 [*op. cit.* Nota 4] p. 52). Porém, mais perto, na área das Chãs, há outros afloramentos de granitos, nomeadamente pórfiros (ROCHA, Paulo António S.P. [1998] – *Geologia da Quinta de Santa Maria da Ermamoira* (a publicar).

Alguns dos elementos arquitectónicos referidos, aparecidos na casa da quinta onde foi instalado o Museu, podem ser vistos em GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, M.ª da Graça (1988) – A estação arqueológica de Santa Maria da Ermamoira – Muxagata, Vila Nova de Foz Côa: Novos dados, in *Actas do 1.º Colóquio Arqueológico de Viseu*; Governo Civil, p. 507; e GUIMARÃES 1999 (*op. cit.* Nota 2), p. 57.

³⁴ Cf. MACIEL 1991 (*op. cit.* Nota 27) pp. 9-11; *idem* (1992) – *Vectores da arte paleocristã em Portugal nos contextos suévio e visigótico*; Ravena, Edizioni del Girasole, p. 458 e *idem* (1996); *op. cit.* Nota 16 pp. 76-78.

³⁵ Tradução do castelhano do texto do póster intitulado *Diagnóstico de espécie em restos esqueléticos. A propósito de um diente*, de MENDONÇA M.C.; AFONSO, A & GUIMARÃES, Gonçalves (1999). Estes ossos humanos foram estudados em 1997 pela Prof.ª Doutora Maria Cristina de Mendonça, então do Instituto de Medicina Legal do Porto, sendo apresentados no V Congresso Nacional de Paleopatologia, organizado pela Asociación Española de Paleopatologia em Alcalá la Real (29 de Abril a 2 de Maio de 1999) através do póster acima referido.

sobre o qual obviamente nada sabemos, a não ser que tinha uma boa higiene dental o que para esta época, só costuma ser atribuído às classes dirigentes bem alimentadas.

Como no interior da basílica não há qualquer estrutura sepulcral talhada no afloramento de xisto, só poderemos entender como adequado para guardar estes ossos o sarcófago deslocado e partido cuja descoberta em 1984 está na origem desta nossa intervenção.

Trata-se de um exemplar monolítico em granito de grão médio, em forma de berço, ou seja, levemente curvado na sua base, de planta trapezoidal, mais abaulada para o exterior no seu lado direito, cavado no interior, tendo junto à cabeceira um “rolo” vertical de cada lado e uma silhueta antropomórfica levemente esboçada no fundo. Apresenta-se partido na zona distal, tendo sido encontrados alguns fragmentos que não o completam. Como decoração exterior apresenta apenas nas paredes laterais, junto ao bordo na área da cabeceira de cada lado, um disco esculpido em relevo com um ponto central.

As condições do seu achado foram por nós já descritas e na época da sua descoberta entendíamos que se tratava de uma peça dos séculos XI-XII, embora com um acentuado carácter arcaizante³⁶.

Não se conhecendo muitos mais sarcófagos na região³⁷, este continua a ter um carácter único, sem paralelos, porque entendemos agora que deverá tratar-se de um ossário que conteria as relíquias de um santo ou mártir, tendo sido partido aquando da destruição da basílica, datando por isso dos finais do século IV ou inícios do séc. V. Embora raros, os sarcófagos monolíticos não são desconhecidos no mundo visigótico, nem mesmo os que apresentam antropomorfismo interior³⁸ e, mais uma vez, nos ocorre o exemplo do edifício de Bona com os seus sarcófagos de pedra³⁹. Quem o recolheu, concerteza séculos depois, teve o cuidado de o depor piedosamente num túmulo cavado no xisto de uma outra necrópole relacionada com a ocupação medieval de sítio⁴⁰. Estamos pois convencidos de que se trata de um sarcófago paleocristão. A *tegula* com o *chrismon* poderá ter feito parte da sua cobertura, dado que, até agora, não lhe encontramos qualquer outra tampa.

Continuando as escavações em torno do edifício que temos vindo a referir encontramos uma área de necrópole no seu exterior, com algumas sepulturas leve-

³⁶ Cf. GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, M.^a da Graça (1988) – *A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira – Muxagata, Vila Nova de Foz Côa (Notícia preliminar)*; Vila Nova de Gaia, Adriano Ramos Pinto (Vinhos) SA, pp. 6 e 18; *idem*; *idem* (1994) – *idem in Gaya*, vol. VI (1988-1994); Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, pp. 241 e 256; e ainda em COIXÃO, 1996 (*op. cit.* Nota 4) p. 190. No VI Colóquio Português de Arqueologia, 16/18 de Outubro de 1987, apresentamos, em colaboração, uma comunicação intitulada: O sarcófago medieval da Quinta de Santa Maria da Ervamoira – Introdução ao estudo da tumulogia medieval do concelho de Vila Nova de Foz Côa, a qual decidimos não publicar nas respectivas *Actas* por nos termos apercebido que os dados de que então dispúnhamos para a datação deste sarcófago eram vagos e pouco consistentes.

³⁷ Na realidade os sarcófagos monolíticos são aqui raros, sendo mais vulgares os túmulos cavados na rocha. Alguns exemplos de uns e outros podem ser vistos em COIXÃO 1996 (*op. cit.* Nota 4), em especial p. 176 e seguintes.

³⁸ Cf. BARROCA 1987 (*op. cit.* Nota 17), p. 80.

³⁹ Cf. TESTINI 1980 (*op. cit.* Nota 26), p. 280.

⁴⁰ Ver bibliografia citada na Nota 32.

mente talhadas no afloramento do xisto em cuja área apareceu, embora à superfície, uma moeda de Teodósio (388-392)⁴¹. Porém, quase todo este espaço foi, em primeiro lugar, soterrado pelo desabar das paredes do edifício confinante e, pior que isso, foi depois profundamente revolvido na Idade Média para a instalação de uma área de cozinha, que cravou vários postes precisamente na área da necrópole. Embora tenham sido encontrados alguns ossos que nos parecem humanos, misturados com ossos de animais, os quais se encontram em fase de estudo, é caso para nos interrogarmos se quem procedeu à deposição do sarcófago numa outra necrópole, também não terá recolhido os despojos humanos que ali existiam.

Para além destes elementos que aqui temos vindo a relacionar, a ocupação deste sítio no período das invasões germânicas está perfeitamente documentado pela cerâmica e por objectos metálicos⁴².

CAETERA DESIDERANTUR⁴³

Tirando a possível conclusão destes vestígios de Ervamoira diremos que existem aqui os restos de uma pequena basílica paleocristã⁴⁴ a qual poderá ter abrigado um sarcófago monolítico com relíquias de um mártir ou santo feminino adulto, dos finais do século IV ou princípios do século V, tendo o edifício sido destruído e aquele ossário profanado, vindo mais tarde a ser colocado noutra necrópole próxima.

A ocupação do local nesta época é uma certeza arqueológica, bem assim como a presença de cristãos, confirmada por uma *tegula* com um *chrismon* daquele período que poderá ter servido de tampa ao sarcófago e é afinal a peça em volta da qual giram as conclusões aqui aduzidas por comparação com outros locais e edifícios.

Se estiverem certas as conclusões que Fernando Patrício Curado sugere para *Coniumbriga*, a povoação romana do Monte Meão em Vila Nova de Foz Côa destruída pelos suevos entre 465-468, provavelmente também o poderão estar para o sítio arqueológico de Ervamoira, que lhe fica relativamente perto e que também poderá ter tido uma primeira destruição e abandono na segunda metade do século V⁴⁵. Mas breve voltaria a ser ocupado e, até hoje, é certo que de forma intermi-

⁴¹ A moeda de Teodósio é um pequeno bronze cunhado em Arelate, tendo no anverso um busto à direita com diadema, manto e couraçado, com a legenda D N [THEODO-SIV]S P F AUG e no reverso uma Vitória avançando para a esquerda, segurando coroa e palma e a legenda VICTORIA – AUGGG.

⁴² A cerâmica deste período está em fase de reconstituição e estudo para posterior publicação. Um dos objectos metálicos, o fuzilhão de uma fivela visigótica, pode ser visto em GUIMARÃES & PEIXOTO 1988 (*op. cit.* Nota 30), p. 508 e ainda em COIXÃO 1996 (*op. cit.* Nota 4), p. 191.

⁴³ Locução latina que se poderá traduzir por “falta o resto”, ou seja, que estas conclusões estão ainda incompletas, necessitando de mais dados arqueológicos para serem definitivas.

⁴⁴ Coincidência, ou não, a basílica de Ervamoira tem praticamente as mesmas dimensões do que parece ser o núcleo primitivo das ruínas da igreja do Prazo, sem os acrescentos posteriores, conforme planta de 1996 que nos foi fornecida pelo autor da escavação, se bem que todos os edifícios de uma só nave e telhado de armação de madeira (*contignatio*) tenham sempre entre 8 a 10 metros de largura por ser esse o comprimento útil de um tronco de árvore necessário para tal.

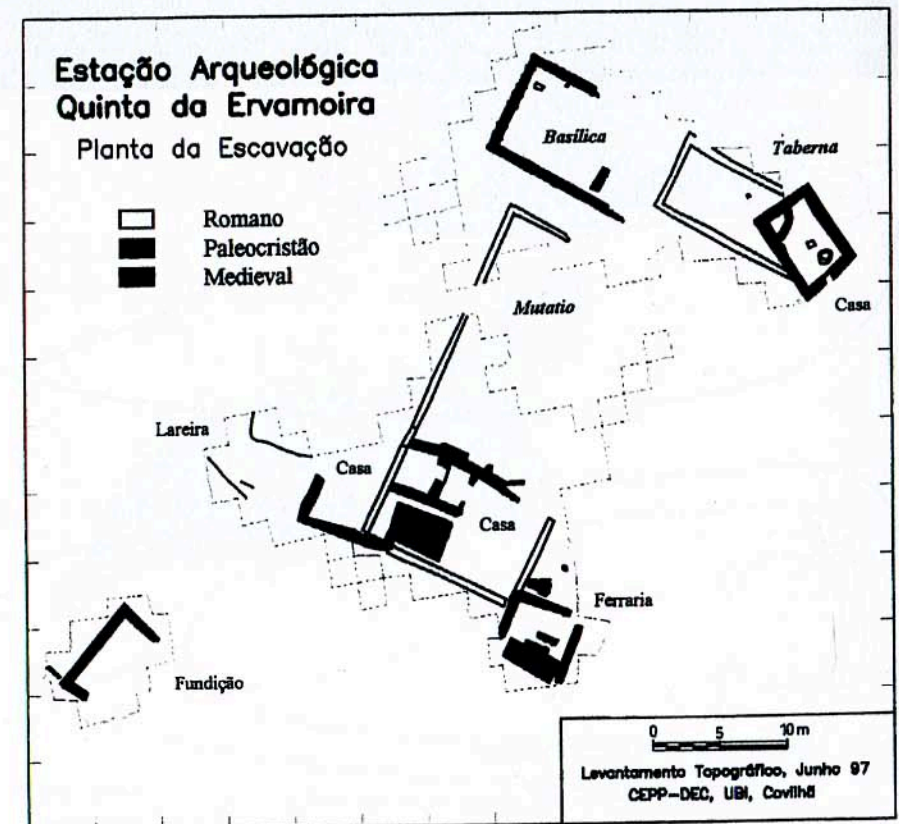
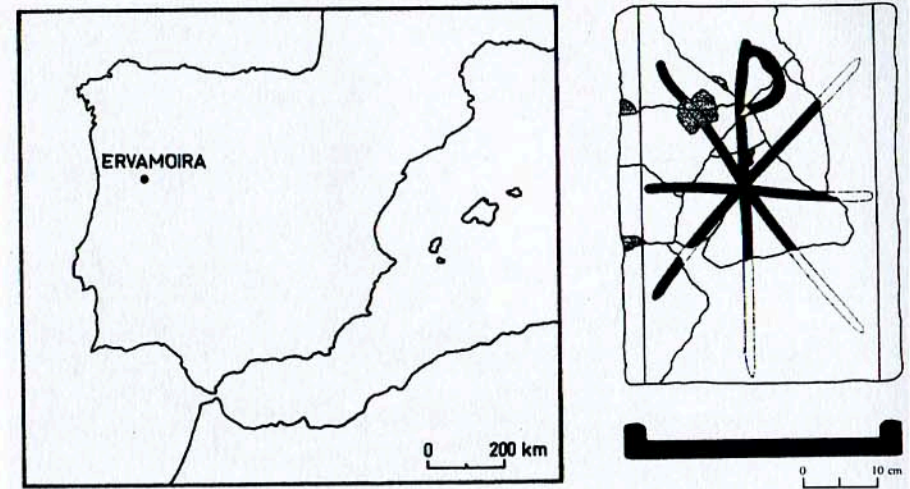
⁴⁵ Cf. CURADO 1994:230 (*op. cit.* Nota 3).

tente, uma enorme teimosia humana continuou a produzir aqui pão, azeite e vinho⁴⁶, três produtos da Natureza sacralizados pelo cristianismo, essa crença mediterrânica que aqui chegou no já longínquo século IV.

AGRADECIMENTOS

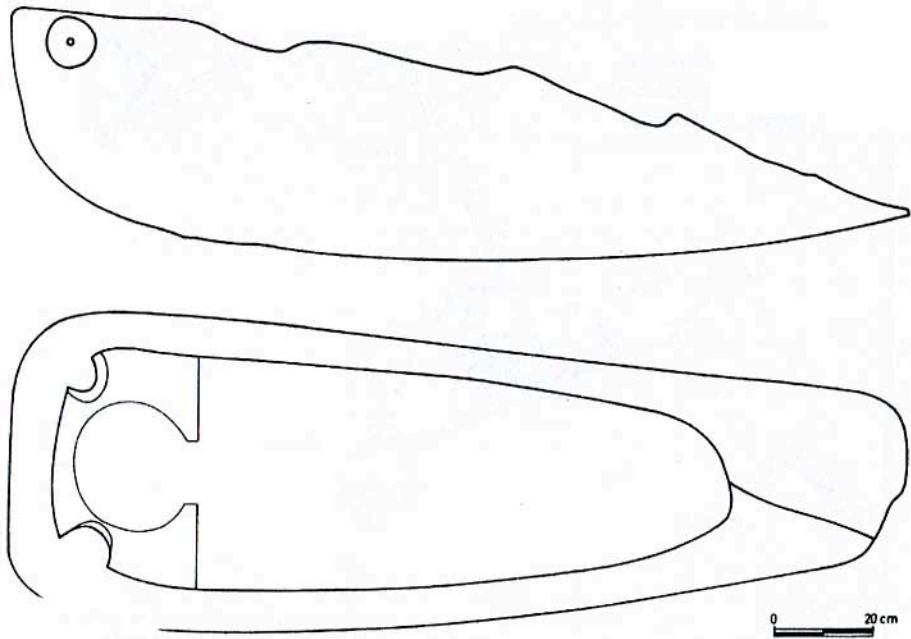
O autor deseja agradecer a colaboração das seguintes pessoas e entidades na elaboração deste trabalho:

- Em primeiro lugar às equipas que têm trabalhado em Ervamoira e à Casa Ramos Pinto o apoio dado à investigação arqueológica;
- À Prof.^a Doutora Maria Cristina de Mendonça o estudo dos ossos humanos desta estação;
- À Susana Guimarães, que tem em mãos o estudo da sua numismática, a classificação da moeda de Teodósio, bem assim como o resumo em inglês;
- Ao Dr. Manuel Real a bibliografia sobre a evolução das basílicas paleocristãs;
- Ao António Martins a adaptação das ilustrações deste trabalho e à Margarida Cunha o seu tratamento informático.



Vestígios paleocristãos de Ervamoira.

⁴⁶ Sobre a história desta Quinta propriedade da Casa Ramos Pinto, ver GUIMARÃES 1996 (*op. cit.* Nota 2) e GUIMARÃES 1997 (*op. cit.* Nota 29). A produção de centeio terminou aqui nos anos setenta. Para além do vinho – e esta é a única vinha no mundo situada numa área classificada como Património Cultural da Humanidade – e de um antigo olival, foram plantadas recentemente grande quantidade de novas oliveiras, destinadas à produção seleccionada de azeite.



Vestígios paleocristãos de Ervamoira. Sarcófago.



Vestígios paleocristãos de Ervamoira. Mandíbula humana.